

Problemas são crônicos

Raphael Veleda

Quem chega de carro ao Setor Comercial Sul depois das 8h só não tem dor de cabeça se tiver vaga em garagem privativa em um dos vários prédios do local. Caso contrário, terá de contar com muita sorte ou ficar à mercê dos inúmeros flanelinhas. Muitos passam o dia empurrando veículos que ficam desengatados. Talvez resida aí o maior problema do SCS: a falta crônica de vagas.

Mas essa não é a única dificuldade do local, que recebe uma média de 60 mil a 80 mil pessoas por dia e foi concebido para ser o coração financeiro da capital federal. "E já foi simi o coração financeiro", garante Josué Azevedo, diretor de uma corretora de imóveis no local. "Quando eu cheguei aqui em 1984, o Setor Comercial Sul era cheio de grandes empresas, como a Xerox do Brasil. Era aqui onde circulava mais dinheiro na cidade, mas hoje a coisa mudou e o SIA assumiu esse papel", completa.

Azevedo conta, ainda, que o tempo deu nova cara ao lugar: "Em meados da década de 90, a recessão fez essas empresas maiores saírem de Brasília. As que ficaram foram para centros empresariais e no Setor Comercial Sul restaram apenas as pequenas empresas", explica.

Ele afirma também que o mercado imobiliário é dinâmico e que as principais transações são feitas por investidores que compram salas comerciais para alugar. "Já para alugar é complicado. Tem que prestar atenção porque aqui tem muito empresário aventureiro e a chance de o negócio dar errado é grande. Assim, o cara não paga alu-



■ QUEM NÃO TEM VAGA EM GARAGEM PRIVATIVA PRECISA CONTAR COM A SORTE OU DEPENDER DOS FLANELINHAS PARA CONSEGUIR ESTACIONAR NO SETOR COMERCIAL SUL

guel, condomínio e outras taxas", revela.

A locação de uma sala de 30 metros quadrados sai por R\$ 300, em média, segundo Azevedo. Mais barato que a maioria dos lugares destinados à moradia no Plano Piloto. "Por isso surgem histórias de pessoas morando nas salas, embora isso seja

proibido em uma área exclusivamente comercial. Mas às vezes o corretor não sabe. A pessoa aluga, abre um negócio e dorme lá. Depois a empresa entra em falência e o cara continua. Para sair dali, na maioria das vezes, só depois de ir para a Justiça", completa ele.

A falência pode ter outros

motivos além da falta de planejamento. É difícil tocar um negócio quando o cliente não tem onde parar o carro. "Este é o nosso maior problema e a solução não é fácil. A revitalização do local é complicada. Temos 2 mil vagas quando o suficiente para estacionar sem estresse seriam 8 mil", afirma Fernando

Raposo, prefeito do SCS.

Raposo lembra da época do Vaga-Fácil e diz que um erro naquele projeto não pode jogar fora uma boa sugestão. "O GDF não tem verba para investir na melhor idéia que temos, que são os estacionamentos subterrâneos, mas há empresas privadas que investiriam nisso", afirma.

Ele diz que já falou com o governador José Roberto Arruda sobre o assunto e obteve resposta positiva. Fernando Raposo aposta em outra idéia que é a de transformar as ruas do Setor Comercial Sul em um grande calçadão, permitindo apenas a entrada de carros que tiverem vagas privativas nos prédios.

Ambulantes incomodam

Apesar de histórias sobre moradores, a maioria das pessoas que passa pelo Setor Comercial Sul todos os dias é apenas trabalhador. A operadora de caixa Jakcelia Alves, 22 anos, é uma delas. Ela trabalha no local há um ano e vê nos vendedores ambulantes o maior problema do local. "Eles ocupam um espaço que deveria servir para as pessoas circularem", argumenta.

Jakcelia também se sente incomodada pelos moradores de rua do SCS, mas o que mais a atinge é o estômago: "A comida dos restaurantes é péssima e só como aqui porque não tenho opção. Eu chego a ir ao Setor Comercial Norte, onde eu trabalhava antes, para comer", reclama, enquanto aproveita o resto do horário de almoço.

Já para o gerente de lanchonete Pedro Alvarez, 39 anos, a sujeira é o principal problema. "É muita gente passando, mendigos e camelôs. Todo mundo suja um pouco e a limpeza é superficial. Tem uma imundície impregnada no chão, nas paredes, em todos os lugares", conta o gerente. "Talvez a coisa melhore agora no fim deste ano porque parece que os ambulantes estão saindo. São muitos deles", completa.

São 1,2 mil ambulantes no Setor Comercial Sul e na plataforma superior da Rodoviária, segundo a Associação do Shopping Popular de Brasília, mais conhecida como Associação dos Ambulantes. Francisco Ferreira é um deles. Desde 1982 ele vende miudezas em geral no centro de Brasília. "Já trabalhei com outras coisas, mas o de ambulante é o que durou mais", garante. Ele diz que o dinheiro não é muito, mas dá pra sus-



■ CAIO DONATO: "NÃO SOMOS OS CULPADOS PELOS PROBLEMAS DO SETOR COMERCIAL SUL"

tentar a mulher e os filhos, uma família de nove pessoas. "O melhor para nós seria que demarcassem logo o lugar que ficaremos. É difícil do jeito que está e o ideal seria a inauguração do Shopping Popular, que parece que, finalmente, vai sair", espera ele, que vive em Candangolândia.

■ Shopping Popular

O Shopping Popular é uma antiga reivindicação dos ambulantes, que está virando realidade. O *Jornal de Brasília* já noticiou o início das obras ao lado da Rodoferroviária. "É a primeira obra do governo Arruda e uma grande conquista para nós. Será inaugurado no dia 12 de novembro. A categoria

inteira quer que isso aconteça", afirma Caio Donato, presidente da Associação dos Ambulantes. "Isso vai servir também para mudar a concepção das pessoas. Não somos os culpados pelos problemas daqui. Não ocupamos as vagas de estacionamento, pois 95% dos ambulantes vêm para o Setor Comercial Sul de transporte público. Só queremos trabalhar".

Donato também diz que os camelôs são organizados e que é raro ver um ambulante não associado a uma barraca. "Quando acontece, nós pedimos para sair e chamamos a fiscalização, se ele não concordar. Não podemos aceitar mais ninguém na associação porque não há mais espaço vago

no shopping", diz.

Segundo Donato, os ambulantes estão fazendo sua parte e esperam que o governo faça a dele. "Espero que o GDF não deixe que novos camelôs se instalem. Nós estamos entrando na legalidade e isso era uma pressão do governo. Agora eles precisam garantir que vamos ter condições de sobreviver, já que vamos gerar emprego, renda e impostos", finaliza.

Segundo o prefeito do SCS, Fernando Raposo, a saída dos ambulantes deve marcar o início da revitalização do local. "O governador garantiu que após a ida deles para o Shopping Popular não vai mais permitir a invasão de ambulantes na área central de Brasília", contou.

Revitalização prevista

O projeto de revitalização do Setor Comercial Sul é uma idéia antiga e uma iniciativa da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação, em parceria com outros órgãos do GDF e da área federal, entre eles o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a Infraero e os Correios. O governo prevê licitações para realizar obras beneficiando os pedestres com novas calçadas, galerias cobertas, iluminação, serviço de informações, entre outros. Os tão sonhados estacionamentos subterrâneos seriam construídos.

O secretário de Desenvolvimento Urbano e Habitação, Cássio Taniguchi, aposta ainda na criação de 5 mil vagas no espaço do antigo prédio Bi Ba Bô, implodido no mês passado. "Deverá ser construído um estacionamento muito grande lá para os frequentadores do SCS", disse. Taniguchi também quer dar vida noturna ao setor, incentivando a abertura de cursinhos e facultades. "Uma das vantagens seria espantar a prostituição de lá, pois isso mantém as pessoas afastadas", alerta.

Enquanto isso, tramita na Câmara Legislativa um projeto do deputado Leonardo Prudente (PFL) que prevê benefícios fiscais aos donos de imóveis que reformarem as fachadas. "O nosso projeto vai um pouco além da idéia do governo e permite ao contribuinte de lá descontar em impostos,

como o IPTU, os gastos com as reformas", disse Prudente. Ele espera votar, ainda este ano, o tema. "Vejo neste governo muito mais vontade política nesse assunto", afirma.

■ Insegurança

Apesar dos assaltos à mão armada ou batidas de carteira serem algo raro no Setor Comercial Sul, a sensação de insegurança voltou a tomar conta após o assalto na sede da diretoria da Amil, na tarde da última quinta-feira. Dois homens invadiram a empresa, no sexto andar do Edifício Bandeirantes, na quadra 6, e fizeram cinco funcionários como reféns.

As vítimas foram amarradas com fitas adesivas e trancadas em um banheiro. Os assaltantes fugiram levando tíquetes-refeição, broches de ouro com a logomarca da empresa, celulares, dinheiro e objetos pessoais dos funcionários.

Mas um dos problemas mais preocupantes é um golpe que está sendo aplicado. O bandido derruba no chão, perto da vítima, um maço de dinheiro falso, um cheque ou um molho de chaves. Ao ser avisado, o golpista agradece e oferece à pessoa uma recompensa pelo favor. A vítima é, então, levada a um local reservado onde o meliante inventa uma história e convence a vítima a lhe dar uma quantia em dinheiro como garantia. Assim, somem o dinheiro da vítima e a recompensa.